

Nota de abertura

Em uma entrevista, ao ser questionada sobre a expectativa geral de que, em suas obras, ela seja porta-voz da comunidade somali, a escritora Cristina Ubax Ali Farah responde que: “Se, por um lado, isso possa parecer estressante, porque, obviamente, uma única pessoa não pode ser a representação de um povo ou de um gênero, por outro lado, é muito estimulante, porque há alguém que deseja que você lhe dê voz (...), é também uma grande satisfação saber que alguém espera que a sua palavra o represente”. A partir dessa reflexão inicial, o *libreto* que ora apresentamos propõe uma discussão sobre narrativas contemporâneas escritas por mulheres que, de alguma forma, dão voz a subjetividades femininas, muitas vezes multiplamente silenciadas (como mulheres, como migrantes, como negras, como indígenas), no passado e também no presente. Nesse sentido, para além de fronteiras geográficas e culturais, enfocando, porém, os lugares e as subjetividades mais afetados pelos deslocamentos de diferentes povos ao longo dos séculos XX e XXI, pretende-se a leitura crítica de narrativas das seguintes escritoras: Susan Power, indígena estadunidense; Buchi Emecheta, nigeriana; Orlanda Amarílis, caboverdiana; Luedji Luna, compositora afro-brasileira e Cristina Ubax Ali Farah, ítalo-somali. Congeniais às análises das narrativas, figuram temas como violência, deslocamento, gênero, pertencimento e (des)encontros entre culturas. Acreditamos que a divulgação e o estudo dessa produção literária podem promover a atualização dos debates no campo dos estudos literários e seus diálogos com os conceitos de gênero, de raça e de cultura.

Leila Harris parte da premissa de que a movência é uma das características predominantes dos processos migratórios contemporâneos para abordar a questão do deslocamento, sob várias perspectivas, no romance *Kehinde* (1994), da escritora nigeriana Buchi Emecheta. Na literatura contemporânea produzida por escritoras migrantes, a ideologia do retorno ao lar – comumente associada ao processo diaspórico – e a própria ressignificação do conceito de lar são problematizadas. As dificuldades

enfrentadas por mulheres migrantes que precisam negociar entre culturas e tradições diversas, entre as práticas patriarcais do país de origem e do(s) destino(s) diaspórico(s), são agravadas pelos deslocamentos diversos que afetam suas vidas mesmo antes do deslocamento da diáspora. A narrativa não-linear de *Kehinde* focaliza questões de gênero no espaço da diáspora e da terra natal principalmente mas não exclusivamente através da trajetória da protagonista que dá título ao romance. Para Kehinde, as circunstâncias de seu nascimento, infância e adolescência, o casamento, e os muitos anos que vive em Londres como sujeito diaspórico caracterizam uma existência marcada por deslocamentos. Ironicamente, a volta à Nigéria para juntar-se à família e reestabelecer-se na terra natal parecia sustentar a ideologia do retorno, mas acaba por provocar mais deslocamentos, levando Kehinde a questionar e transgredir as tradições culturais/práticas patriarcais e partir em busca do seu “lar”. Em meio aos variados deslocamentos – físicos, emocionais e psíquicos – que afetam a vida de Kehinde desde seu nascimento até o final da narrativa, o mais marcante é aquele que ela põe em prática ao transgredir os parâmetros comportamentais prescritos pela tradição na qual fora criada.

O romance discutido por Liane Schneider, intitulado *Sacred Wilderness* (2014), de Susan Power, indígena da tribo Sioux (EUA), trata de uma violência nem tão explícita, se comparada a narrativas de outras escritoras indígenas da América do Norte, entre as quais Lee Maracle (*Métis*) e Louise Erdrich (*Chippewa*), que discorrem, em textos recentes, abertamente sobre os impactos das invasões coloniais e os crimes atrelados a elas. Assim, o texto de Schneider parte de uma discussão sobre o conceito de violência dentro do contexto cultural pós-colonial, local a partir do qual as mulheres, em sua maioria nativas, têm discutido essa temática, discussão que fomenta a análise da narrativa literária em questão. Em *Sacred Wilderness*, a violência vem arraigada à ignorância cultural, apresentando uma protagonista que não se reconhece como sendo parte indígena e parte judia, adoecendo por conta de sua desinformação e alienação cultural. A cura e recuperação de certo equilíbrio só podem vir pelo conhecimento que essa não tinha, através do reconhecimento de suas diversas identidades, que não serão puras, mas sim, construídas na negociação entre diferentes pertencimentos. Sem dúvida, por tal processo de conscientização tomar forma após a protagonista receber em sua

casa uma trabalhadora indígena que passa a auxiliá-la nas tarefas diárias, esse conhecimento nativo é o que fica mais evidente em meio ao processo de autoconhecimento que vivencia. Portanto, aqui a violência está diretamente atrelada ao conhecimento que não se tem, a informações roubadas ou sonegadas, mas que podem, sim, vir novamente à tona através de políticas, de narrativas, de entrelaçamentos entre pessoas que, de fato, se importam com o que ocorreu e com o que ocorre na atualidade.

Márcia de Almeida, por sua vez, reevoca a escritora Cristina Ubx Ali Farah, citada no início desta apresentação, e propõe uma leitura de seu primeiro romance, *Madre Piccola*, que recupera a história do colonialismo italiano na Somália e denuncia os efeitos atuais dos processos “civilizatórios” sobre os destinos individuais e coletivos dos(as) colonizados(as). A narrativa apresenta um mosaico de histórias que, entre reconstrução memorial e invenção, se intersectam e se embaralham com a História daquele período, uma fase ainda pouco elaborada pela Itália, e que está por trás das experiências de todos os(as) personagens, que vivenciam a diáspora, a discriminação racial, de gênero e religiosa, e a necessidade de integração a outras culturas. O romance configura-se, outrossim, principalmente por meio das vozes de suas duas protagonistas, como testemunho de uma contemporaneidade marcada por deslocamentos e desenraizamentos, mas, também, por novos pertencimentos e reconstruções que ensejam uma reflexão sobre os estereótipos e preconceitos que, embora criados no passado, perduram no presente.

Simone Schmidt realiza uma leitura que se desloca entre duas vozes de mulheres em tempos e lugares distintos, com o intuito de discutir a experiência diaspórica situada em contextos advindos do colonialismo português. A primeira dessas experiências é representada nos contos da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, cuja obra foi precursora na expressão das vozes imigrantes em Portugal. Num segundo momento, sua análise se debruça sobre o ambiente urbano contemporâneo no Brasil, onde dramaticamente se encenam as tensas relações de gênero e raça que reverberam a matriz patriarcal-colonial de formação da sociedade brasileira. Neste ambiente, a voz que se ouve é a da compositora baiana Luedji Luna, que com sua canção “Um Corpo no Mundo”, atualiza o tema da diáspora na vivência dos afrodescendentes.

Enfim, para concluir, podemos afirmar que o descentramento a que nos referimos no título deste *libreto* diz respeito às posições ocupadas pelos sujeitos que se enunciam nos discursos não-canônicos, as quais promovem significativos deslocamentos em termos das concepções correntes sobre identidade, saber, lugar, voz, representação. A partir de lugares convencionalmente não percebidos e não valorados – lugares esses não apenas geográficos, mas também sociais, marcados por gênero, raça, etnia, sexualidade, geração – esses sujeitos se fazem ouvir e desafiam nossa tradicional compreensão sobre o estético, o político e o epistemológico, fazendo-nos repensar sobre os modos como operamos com nossos saberes.

Simone Schmidt